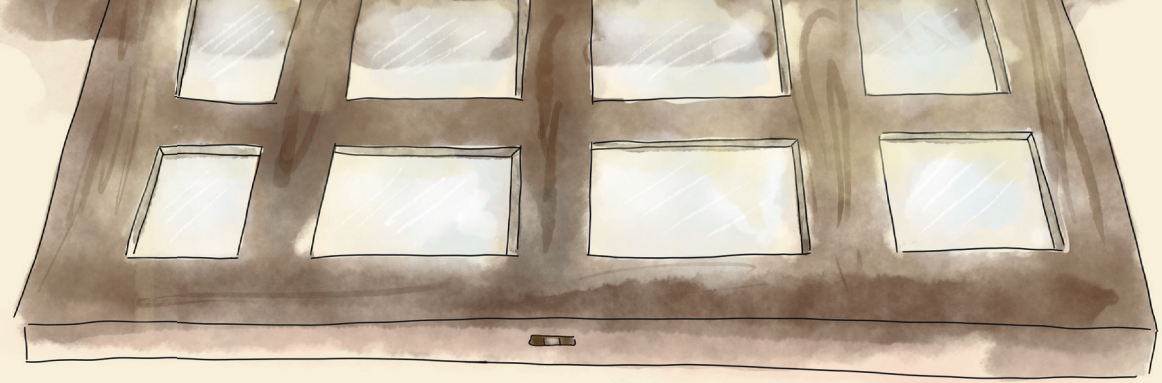
à serventia da casa



Dora Braun
Mari Okada



à serventia da casa

Dora Braun
Mari Okada

à serventia da casa

Ilustrado por Kaik Okada e Beatriz Paz

LEE laboratório de estudos editoriais

Minha casa é um espelho
Trago a imagem de todas as ruas
Eu sou a soma de tudo que vejo
- Biquíni Cavadão

SUMÁRIO

Prefácio	11
Apresentação	13
Parte 1 - Rasgo de Luz	17
Rasgo de Luz	19
De mim para...	23
O que quiser	24
Quarto	25
Saída	26
Maturidade	27
A chuva e a janela	28
A cidade	29
Ansiedade	30
Ausência	31
Esses versos não merecem a minha autoria	32
Imitação	33
Término	34
Um trago	35
Que termine	36
A carta	37

Aceitar 38
Primeira pessoa do singular 39

Parte 2 - As vigas de fundação 43
O Banco 45
Amor de areia 49
A gente 50
Coletânea 51
Diálogo 52
Interlúdio 53
Passo de menina 54
A... mar 55
Primeiros erros 57
Reacender 58
Era amor 59
A linha para o teu respeito 60
Prisão 61
Confronto 62
Ignorância 63
Ladrilhos de uma noite (de verão) 64
Passageira 65

Todos os fins 66

Parte 3 - Pele de Vidro 69

Pele de Vidro 71

Poeta 75

Cansaço 76

Cicatrizes silábicas 77

Um churrasco de domingo 78

A.M.M. 79

Georges Lemaitre 80

Sem título 81

Pergunta 82

A passagem do trem 83

Anúncio 84

Cura 85

Despedida 86

Máscaras 87

Onde mora a poesia 88

Separação 89

Sobre aquela viagem 90

(Des)Aconchego 91

PREFÁCIO

Como elas mesmas dizem, nas páginas que estão a seguir
O caos leva à reflexão
Leva à solidão
Leva ao próprio caos
E quando, em meio a tudo isso, as palavras só saem
Sem precisar pensar
Só saem
E dói, mas alivia... É leve e pesado ao mesmo tempo
Significa que se alcançou o ápice da solidão, ou que se preencheu demais
As palavras deste livro encaixam-se em qualquer desabafo
Em qualquer sentimento que alguma mulher com certeza já sentiu nessa estrada,
nesse
caminho.
Solidão ou caos. Amor ou vazio
Em qualquer hipótese, em qualquer ocasião
Todo mundo já sentiu, mas nem todo mundo colocou para fora
Por isso a importância da poesia
Ler para identificar-se na dor que o outro esculpiu

Ler para empoderar-se na confiança que o outro, pelo menos, tentou externalizar
Daí a importância da poesia
Por isso, essas páginas
Daí a importância das palavras costuradas por essas duas mulheres
Identificar-se para se identificar
Poesia é curativo
Poesia é saudade preenchida de calor
Poesia é tristeza mascarada de performance
E é, acima de tudo, um grande desabafo construído, peça por peça, grão por grão, de
tudo
aquilo que a vida proporciona e derruba, depois cresce de novo.
Maturidade e personalidade
E daí a grandeza das páginas que estão a seguir.

Manoela Rocha Carlucci

APRESENTAÇÃO

As páginas a seguir contam um pouco das nossas andanças pelo mundo. Dos medos, sonhos e desejos, daquilo que se faz interno em nós, enquanto nos sentimos tocadas pelo externo. Dessa forma o livro se apresenta a vocês. A casa é a nossa morada, mas, para além da estrutura, existem muitos sentimentos que a tornam o nosso lar.

Eu e a Mari percorremos caminhos muito parecidos em nossa trajetória na escrita. Começamos escrevendo sobre os sentimentos mais íntimos que nos habitam, daí surgiu "O Rasgo de Luz", um objeto interno, a casa de cada um. Na primeira parte do livro, tratamos daqueles sentimentos que nos tornam vulneráveis, daquilo que vive no mais profundo em nós: inseguranças, medos, hábitos, personalidades, desejos.

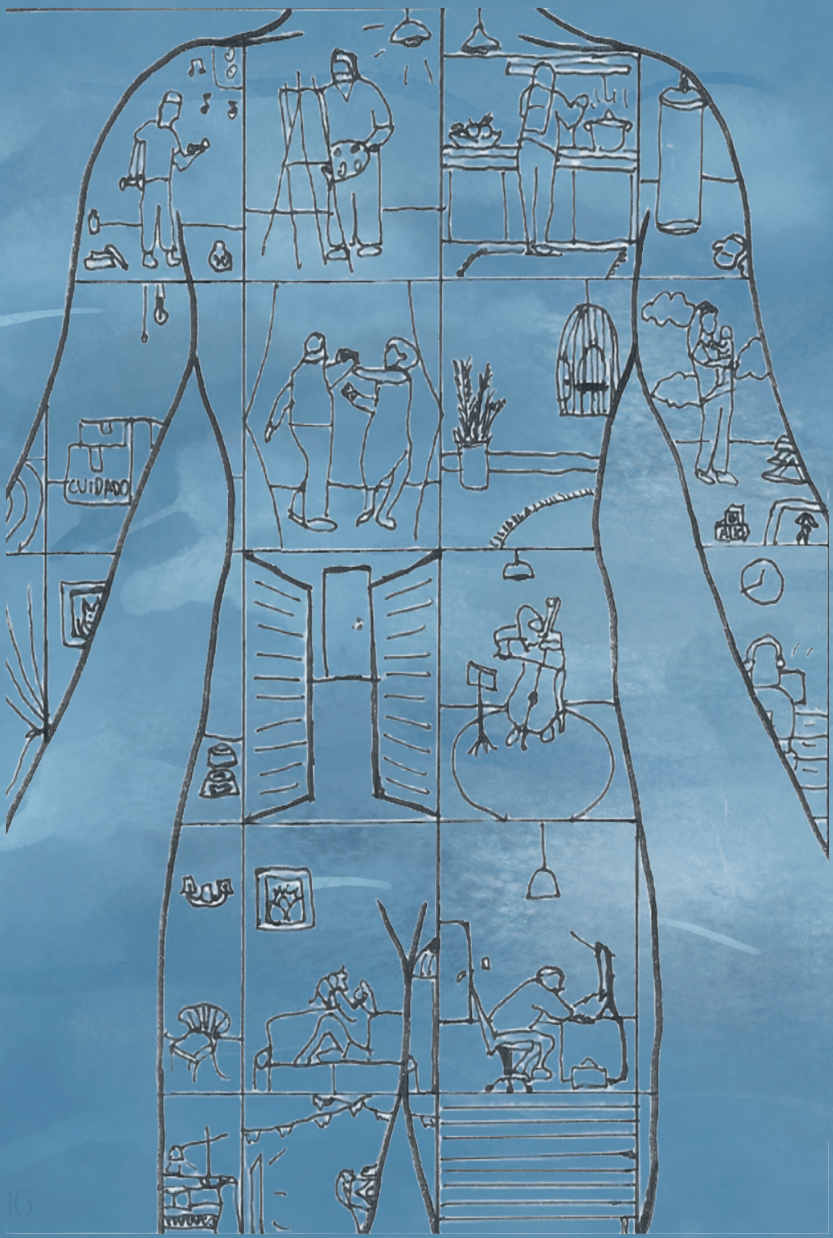
Na segunda parte do livro, foi quando a nossa escrita evoluiu para buscar aquilo que nos estrutura e nos molda como seres, daí veio "As Vigas de Fundação". Aquilo que nos mantém fortes como o amor de um amigo, um parceiro, as conexões feitas na vida ou até mesmo a escrita, a própria poesia. Tudo aquilo que nos constrói, mas também pode nos destruir.

Por fim, a terceira parte surge quando o "Eu" de cada um se percebe no mundo: como eu percebo o exterior e o mesmo me percebe. "Pele de Vidro"

busca compreender o ser humano no ambiente, como podemos encontrar nossa autenticidade nas relações, no trabalho do extrínseco para o intrínseco.

Cada um de nós é a sua própria casa. Cabe a nós ter cuidados, limpar, organizar, construir ou desconstruir e, por fim, se apresentar.

Esta obra é um pouco da casa que nós criamos. Agora, em suas mãos, essa casa não nos pertence mais. Entre, sente-se e sinta-se em casa; fique à vontade para fazer de nossas palavras, sua morada.


CUIDADO

Parte 1
Rasgo de Luz

RASGO DE LUZ

Enquanto instalava o rasgo de luz no teto da sala, refletia em como minha casa poderia ser vista de fora, no que ela poderia significar aos outros. Rasgo de luz é um pequeno espaço cumprido no teto para se instalar luzes LED, e senti que minha sala precisava de uma nova iluminação. Assim que desci da escada, olhei para a vista que tomava espaço ao meu lado.

Disseram-me da ânsia de sonhar em avistar o mundo pela janela. Eu disse sobre o desejo de observar o desconhecido. Acredito que, assim como as conversas de lanchonete, que começam na simplicidade, quando temos sorte, podem alcançar a profundidade de admirar o novo. Ainda que você seja tão conhecido que o garçom apenas pergunte: "vai querer o de sempre?"

Sentir o vento bater, pode te apresentar novas perspectivas e possibilidades de surpreender o mundo. Ainda que você não se surpreenda em uma noite ou um mês, o pensamento se transforma, mesmo estando no mesmo lugar. Talvez "casa" seja sobre isso, ter sempre a possibilidade de mudar-se. De tirar o quadro da parede que não faz mais sentido, comprar um novo enfeite para respirar na estante ou tirar uma foto de uma joaninha e colocar na porta

da geladeira. Mesmo com todas as mudanças, ela se manterá presente em essência, ainda será seu lar.

Cada objeto dentro de nós se apresenta de certa forma para o mundo e nos comunica para quem observa. Talvez seja sobre isso que aquela velha expressão diz: "Arrumar por fora para organizar por dentro", ou vice-versa. Por mais parecidos que sejam os apartamentos de um prédio, cada um deles conta uma história diferente. No meu há um capacho de Bem-vindos na porta; o de meu vizinho conta uma piadoca. Coloquei tons de laranja, marrom e verde por toda a minha sala; meu vizinho preferiu fazer tudo na cor azul. Eu sempre me sento na cadeira da varanda para ler, ou tomar um café pela manhã; ele quase nunca aparece na dele, exceto pelos domingos à noite, quando passa dez minutos observando o andar das ruas e depois retorna para dentro de seu lar.

Minha história é diferente da dele e da sua, por mais que, por fora, pareçam similares; assim como quando mudamos o tapete do banheiro, mas continuamos pisando nele ao sair do banho. O que nos pertence continuará sendo nosso mesmo que em moldes diferentes, mesmo que em momentos de mudança. Precisamos estar atentos para o que nos é intrínseco, se fazer presente na casa em que se mora. Afinal, o verbo morar, do latim *morare*, significa: demorar, permanecer e viver, e diz justamente sobre o que é ser morada.

Ao terminar de instalar a luz, olhei com atenção para minha casa. Tudo parecia em seu devido lugar. Por fim, acendi o rasgo de luz e iluminei minha morada.

DE MIM PARA...

Eu quero te ver livre!
Quero que tu encontres o mundo
E deixe ele te encontrar também
Para vocês não se temerem mais.

Eu quero te ver em paz!
Quero que tu ames a vida
E deixe-a te amar também
Para vocês não se perderem mais.

Eu quero te ver sendo você!
Quero que o medo ande ao teu lado
Para não deixar de ser essa corda bamba
De impulsos que te escorrem pelas veias.
A alma quer andar pela rua!
Coração, a liberte!

O QUE QUISER

Eu não quero falar,
Quero sonhar (para poder voar).
Eu não quero sol
Quero chuva (para poder chorar).
Eu não quero sorte
Quero lutar (para poder vencer).
Eu não quero dor
Quero respostas (para poder entender).
Eu não quero medo
Quero desejo (para poder sorrir).
Eu não quero sentimento
Quero paz (para poder dormir).
Eu não quero proteção
Quero liberdade (para poder viver).
Eu não quero felicidade
Quero verdade (para poder conhecer).
Eu não quero grito
Quero música (para poder cantar).
Eu não quero você
Quero a mim (para poder amar).

QUARTO

Meu quarto tem o perfume
Da noite chuvosa na fumaça
Tão intenso é o volume
Dessa névoa que embaça

Preenchido de fissuras
Colorido feito bandeira
Rabiscado como as pinturas
O fogo queimou a madeira

Não há mais justificativas
Preencha o vazio com medo
Eu já tive expectativas
Esse é o nosso segredo

Se for tarde pra esperar
Saiba que eu ainda ardo
Pode deixar a noite chegar
O som protege enquanto o guardo

SAÍDA

Aquele olhar me penetrou,
Eu pude sentir o cheiro do medo.
O seu rosto quando a sirene tocou,
Avistei uma sombra correndo logo cedo.
Eu queria não ver tua fala deserta,
Esse é o meu maior desejo.
O corpo dói quando a saudade aperta,
Aquele era o teu quarto de despejo.
Ouvi um suspiro no vazio,
Mas ninguém mais pode escutar.
As fantasias foram se desfazendo fio a fio,
Havia chegado a hora de despertar.

MATURIDADE

Acho que minha maturidade é atrasada como eu,
só chega depois nos lugares;
ando correndo com o tempo do relógio
e meu tempo de alma tem ficado nos ponteiros passados.
Desacelero os passos e olho para trás,
posso ver minha maturidade atrasada correndo por mim,
finalmente
chega.
me doo tempos de abraço com ela.
agora enxergo:
fui feliz por um tempo passado,
mas a realidade que também me perseguia
trombou com a presente maturidade:
percebi que nosso tempo futuro nem existia.

A CHUVA E A JANELA

Eu vi a chuva caindo
E a janela se embaçar aos poucos
Os poucos pingos de lágrima que ainda restavam
Foram desaparecendo com a água da chuva

A noite então chegou
E a escuridão tomou conta de tudo
Não havia mais gotas de água
Não havia mais desenhos na janela

A figura sinuosa e bela
Tinha sumido em um piscar de olhos
E meus olhos acostumados a se afogar
Nem perceberam que ela havia sumido

Por trás das luzes que reluziam
Dava para ver a tristeza no olhar da menina
Agora só restavam os costumes (os raios)
E os destroços (relâmpagos) de outros tempos

A CIDADE

De surpresa me encontrei,
Parada no meio da rua.
Olhando os carros passarem no farol fechado
E causarem um acidente que poderia ser evitado.

As mulheres destruídas,
As casas estavam iguais a elas.
Havia algo que passava pela janela,
Eu avistava o sopro da vida que tiveram.

Me despeço do que fiz.
Hoje me arrependo do que vejo.
Os pensamentos eram muitos
E os sentimwentos já não se cabiam mais.

Acabei acreditando no incerto,
Eu era apenas uma chave,
Não havia morada que eu não pudesse abrir
Mas também não havia espaço para o fracasso.

ANSIEDADE

O eco da água na madrugada
Refletindo as luzes de um dia inteiro
Eu poderia te fazer milhões de estrelas
Mas então me mantenho em uma cadeira
Observando tudo aquilo que sonho em fazer
Sonhando com tudo aquilo que apenas observo em sentir
Enquanto meu ser me cria barreiras
Perco meu tempo aprendendo a ultrapassá-las
E não tenho tempo de aprender a apreciar a paisagem
Ainda que o vento bata em meu rosto ansiando que eu a enxergue
Só não quero deixar de ser tudo aquilo que poderia ser
Morrer com vontade de viver

AUSÊNCIA

Eu senti aquela dormência
Como se tivesse sido arrancada
Revoltada pela impaciência
Me sentia hipnotizada

Eram notícias a todo segundo
Todos os tons em uma só cor
Ser capitã do meu mundo
Perdida na proa da tua dor

Eu me sentia em casa
Mas ela era inabitável
O fogo queimava a minha asa
A vida realmente estava vulnerável

ESSES VERSOS NÃO MERECEM A MINHA AUTORIA

O que você está fazendo,
Enquanto o amor te espera?
O que você está esperando,
Enquanto esquece de se amar?
São muitas doses de álcool até me apagar
E então dias ruins preenchidos de bebida
Todos os meus amigos já estão percebendo
Quando foi que a bebida deixou de ser um disfarce?
Se minha vida fosse dividida em capítulos
Quais deles estariam sendo escritos por mim?
A direção do meu roteiro
Não merece ser modificada por outro alguém

IMITAÇÃO

Achar que seus olhares me definem
Foi o pior crime que já cometi
Canetas e papéis me imprimem
Sou cópia daquilo que não compreendi

Eu quero conversar sobre a coragem
Mas não sei se alguém me escuta
O futuro me parece um palco
E eu cansei dessa disputa

Eu não sei qual o meu alento
E nem para onde estou a andar
Minha voz é meu sustento
E sou casa prestes a desabar

De que adianta escrever para a noite
Se não restam memórias para sonhar
Sinto vergonha por me esconder
E timidez demais para me mostrar

TÉRMINO

Liberdade
E ser livre.
Será que tem um preço?
Será que eu posso pagar?

O diamante foi polindo
Até que não sobrou nada.
As ruas ficaram coloridas,
O vento levou a poeira do amor.

Ela lutou,
Mas eu sei que toda luta
Tem um tempo pra durar
E o relógio não é justo.

Eu vejo um futuro
Que não repete o passado,
Mas enquadra um presente
Como um quadro de parede.

UM TRAGO

Quisera eu
tragar o cigarro
e na fumaça do passado
te trago comigo.

QUE TERMINE

Mesmo que termine como tudo termina
Mesmo que o tempo passe
Mesmo que o peito doa
Mesmo que o café esfrie
Mesmo que a lágrima seque
Mesmo que escorra
Mesmo que a gente brigue
Mesmo que eu me perca
Mesmo que seja à toa
Mesmo que saudade de ti
Mesmo que tristeza.
Mesmo que seja,
Ainda haverá quem me segure.

A CARTA

Joguei uma carta ao vento
E pedi que ele lhe entregasse.
Na esperança de que um dia
O nosso momento chegasse.

Por aí ela deve estar
Voando por sobre a cidade.
Buscando te encontrar
Levando a minha saudade.

Ah, a saudade...
O desencontro dos planetas
O pesadelo dos apaixonados
O alinhamento dos cometas.

O papel picado em mil pedaços
Se perdeu no azul junto a ti
Nem o afrouxar dos laços
Me fizeram aceitar o que perdi

Correndo contra o tempo
Em busca da nossa solidão
Espero um dia me (re)encontrar
Quem sabe com a sua carta na mão.

ACEITAR

Coloque a dor em uma cama
Aconchegue e aqueça ela
Ser forte é sobre sentir a chama
E então poder apagar a vela

A fuga é uma prisão sem saída
Hoje eu aceito o meu vício
Porém quase sempre me sinto traída
Porque lhe confesso que por vezes volto ao início

Qual a definição de se amar?
Parece controverso, mas é preciso deixar doer
Pois, para a ferida cicatrizar
Ela precisa primeiro arder

PRIMEIRA PESSOA DO SINGULAR

Eu me sinto.
Eu.
Eu.
Eu.
Não gosto de escrever sobre mim,
Me sinto egoísta de roubar as palavras assim,
Colocar os verbos sempre em primeira pessoa como se pertencessem a mim
Mim.
Mim.
Mim.
É algo que não controlo, me falta explicações
Estou em falta demasiada de tudo
E exacerbada de mim
Cansei de frases que giram em torno dos anéis de minha existência,
Criarei uma nova pessoa,
Quarta pessoa do singular talvez
Uma pessoa de pouco a reclamar de si, mas de muito a dizer do mundo.
Ela dirá com certeza sobre certezas alheias,
Criará morada tão concreta em (1ª pessoa do singular) que nascerá pessoa
Se desprenderá e será por si.

A 1ª pessoa não precisará mais de suas certezas
Até porque elas nem a pertenciam,
E agora sou tão Eu-lírico quanto Eu
Minha primeira e quarta pessoas se mesclaram e se encontram inseparáveis
Acho que estou fadada a contar como primeira pessoa,
As minhas certezas sem tê-las.



Parte 2
As vigas de fundação

AS VIGAS DE FUNDAÇÃO

Diz-se de relacionamentos, que são como um banco de três pernas. Como aqueles bancos de bar, feitos de madeira envernizada e que fazem o pé voar perto da bancada. O primeiro de seus pés é aquele que se constrói logo de início: a afetividade e a sexualidade. É quando o amor se desenvolve ao toque do outro, ao arrepio dos pelos diante do prazer. É a paixão e a excitação de querer cheirar o cangote do outro a todo momento, como se a felicidade dependesse disso.

O segundo de seus pés é a convivência. O momento em que é preciso entender as diferenças, os gostos, as escolhas e, principalmente, as personalidades. Nesse pé que decidimos que hoje vamos comer strogonoff, a comida preferida dele, mas que amanhã eu escolho lasanha de espinafre com queijo. Esse estágio é feito para entendermos o outro, que às vezes somos feitos de materiais diferentes e tudo bem. Se nos encaixamos nas diferenças, podemos passar para o último pé.

O último e terceiro pé é o projeto de vida. É nesse momento em que alinhamos as nossas projeções, os quereres e desejos de cada um e os encaixamos em uma vida conjunta. Definimos e criamos os objetivos do casal para a vida a ser trilhada. Também é desse pé que as discussões sobre dinheiro, contas da casa, aluguel,

comida e todas as pequenas chatices do dia a dia tomam forma. Podem ser chatas, mas são importantes.

Depois de tomar ciência destas informações, levei-as para o meu relacionamento e percebi-me pulando do segundo pé para o terceiro. Com todas as responsabilidades que estavam por vir, procurei usar todos estes conhecimentos a meu favor e, para vias de conforto e mostrar-me receptiva, saí de casa e comprei dois bancos de madeira.

À medida que a convivência foi se aprofundando, começamos a usar cada vez mais os bancos. Em noites de longos jantares, em conversas profundas perto do balcão ou quando colocamos a série da vez para assistir, tudo estava tranquilo, até que não. Com mais jantares, percebi que não gostava de não ter um encosto para relaxar e apreciar texturas e sabores. Com mais conversas profundas, percebi que queria ter meus pés no chão, não voando para cada lugar a todo momento. Com mais séries, percebi que não havia calor, a conexão não estava lá, não havia espaço para compartilhar o cobertor.

O banco não trazia mais o conforto de antes, era cada vez mais um empecilho dentro de minha casa. Não havia um lugar bom para deixá-lo. Coloquei-o na sala, mas a mesa já possuía suas cadeiras que a abraçavam. Levei-o para o banheiro, mas a porta bateu nele, que bateu em mim e quebrou meu mindinho. Tentei colocá-lo na varanda,

segurando meu lírio, mas ele se fez murcho e cansado, como se o banco fosse um fardo para o lírio carregar.

E foi em um dia chuvoso que percebi os claros sinais de minha casa: os bancos já não faziam sentido lá dentro e já não cabiam no relacionamento. Então, lembrei-me novamente da moral da história do banco de bar. Naquele mesmo dia, saí de casa e comprei um sofá. É bom reconhecer quando metáforas são o que dizem ser.

AMOR DE AREIA

Amor de areia se baseia na ciência:
saber o caminho das ondas
afrouxa um pouco
o nó da saudade.

A GENTE

A gente se ensinou
Até o silêncio não ser constrangedor
Até o sorriso não ser aliado
Até o perfume não ser lembrança

A gente se assustou
Então o som virou constrangedor
Então o sorriso virou inimigo
Então o perfume virou lembrança

A gente se teceu
Assim o amanhã se fez hoje
Assim o abraço se fez valioso
Assim o dia se fez noite
A gente se viveu
E o hoje sossegou em presente
E o abraço sossegou em momento
E a noite sossegou em hora

COLETÂNEA

Não se culpe pelo meu olhar
Ele me desespera também
Ouço os passos de ninguém
Vindo a minha janela me soltar

Tenho todos os sonhos do mundo
Bem na palma da minha mão
Tenho todos os medos do mundo
Bem na ponta da minha língua

Cruzei vidas em meu caminho
Criei memórias em desconhecidos
Encostei em flores com seu espinho
Arranhei curativos esquecidos
A teimosia que controla a vida
Orquestra o medo de abrir-se ao mundo
A apresentação por detrás da cortina
Esconde o espetáculo de seu palco

DIÁLOGO

Eu entendo que tudo pareça migrante
O coração machuca até paralisar
Mas também aceito que tudo que é torturante
Tem sua hora de terminar

O pensamento é desconcertante
E a saudade é mesmo impiedosa
A paz parece instante
De um príncipe para uma rosa

Escuto também tuas memórias
O curativo apenas cicatriza
Ela é ponte para tuas histórias
Saiba que fogo em brasa eterniza

Então descansa tua inquietude
Travesseiro repousa em teu seio
Não confunda solidão com solitude
Somente ela tem a cura para o teu anseio

INTERLÚDIO

Você já se apaixonou depois que chegou ao fim
Mesmo sabendo que o desejo podia ser presente?
Posso escolher viver assim
Como se a gente fosse um acidente?

Por que você nega o que finge não sentir?
Não me ponha no altar, diz que sou intensa como o mar
Buscando um horizonte para velejar
Escolhendo qual a melhor roupa pra sair

Às vezes acho que o amor não tem cura
Ele martela até enferrujar a armadura
Dizem que não há culpa em sentir
Mas será que devemos nos permitir?

PASSO DE MENINA

Sorriso é sonho que alcança
O sopro que repousa em aurora
Esconda a caixa de pandora
Enfeite-a como um passo de dança

Suspiro em rodopio do proibido
Balanceia a omissa confissão
O olhar é fagulha da expressão
O toque dos lábios a premissa do gemido

A... MAR

Diz-se do amor,
que a onda do mar tem o hábito de beijar a areia.
Digo do amor,
que o mar funde-se à areia
e adentra de tal maneira
que toda vez que se vai,
deixa uma parte de si
que a saudade se esvai.

Digo da vela,
que não sabe amar
e que só sabe quando se acende.
Sabe a cera
que a chama queima e a termina.
Sabe a chama
que a cera é sua vida
mas sua vida custa.
E, ainda assim,
fazem o seu amor
do brilho mais intenso
na iminência de seu fim.

Também digo do amanhecer,
pois amando

ele entendeu
que sempre haverá o anoitecer.
E ainda que
todo dia recomece,
há sempre um sopro
de esperança,
para quem sonha em viver.

Afinal, de que me vale o amor
se não posso vivê-lo de novo?
Mas também acredito
que essa pergunta, de nada importa.
Se queres uma questão que te norteie
Perguntes:
De que vale a vida
se não posso amar?

PRIMEIROS ERROS

Eu peço desculpas por todos os erros
Tô aprendendo a amar
A gente se ensina a cuidar
Mas eu vou tropeçar muitas vezes ainda
O tempo nos conta diariamente sobre o passado
Cada um sabe as batalhas que enfrentou
Mas por hoje saiba que você não tá mais sozinho
A gente pode sonhar junto
Eu tô aprendendo a te decifrar
Sabendo que sentimentos se transformam
A mudança me amedronta
E o medo me apavora
Eu troco os pés pelas mãos
Disse mais do que queria
Lhes culpei por me escutarem
Mas não prestei atenção em quem me ouvia
Eu grito o que sinto
Com a força que a vida me atinge
Mas eu lhe prometo que estou aprendendo a lidar
Eu quero conversar com o mundo
Sei que tenho algo a descobrir
Eu também estou aqui pela primeira vez

REACENDER

Em um mundo de falsidade
Velhinhos para representar a eternidade
Crianças para representar a pureza
Amores como os escritos em Veneza

Enquanto seu mundo se coloria
Elas foram se tornando ilha
Seu corpo todo tremia
Esse foi o começo da nossa história, filha

Desejos nos guiaram às coordenadas do coração
A paz reduziu a nossa distância
O tempo voava se esbarrando na ânsia
Em amortecer as pontes da geração

O medo outrora dilacerante (pôde enfim encontrar)
O impulso de quem ampara o caminhar
Trouxe consigo a coragem que presenteia o instante (e então o admirar)
O corpo que lhe reensinou a sonhar

ERA AMOR

Atirei uma pedra
no peito d'água
e turvei o reflexo
do nosso amor.

A LINHA PARA O TEU RESPEITO

É solitário o amanhecer
O tempo não espera tua chegada
Esse pensamento atravessa minha sorte
Não aceite por qualquer história aquele amor

Hoje eu queria voltar sozinho
Se em mim não pulsasse o soluçar
Escorreram lágrimas no caminho
Eu me toquei sem nem me perguntar

PRISÃO

Tentei te falar de todas as formas conscientes,
Mas me decepcionei mais de um milhão,
Com todas as suas correntes
Que você chamava de proteção.

Não sei se você me sorria
E nem se sabia quem eu iria ser
Hoje entendo que era o modo que conhecia
Mas no seu olhar eu não conseguia ver.

Eu sentia meu peito
Cortando em pedaços minha batalha
Eu desconhecia o nosso respeito
A relação de ponta de navalha

Me desculpe por aquilo que não fiz,
Peço ajuda ao teu senhor
Eu digo, você diz
Me mostre o meu mundo por favor.

Tentei não permitir que aquilo me destruísse
Mesmo sentindo nosso tumor
Porque um dia você me disse
Que tudo isso se chamava amor

CONFRONTO

Admiro enroscada em solidão
Meu corpo em contramão
Morta em plena luz do dia
Resistir é um ato de rebeldia

Deixei a areia se molhar
Em uma folha qualquer eu pinto
Tenho ressalvas com o olhar
Ele nos engana, eu sinto

Eu vejo em teu rosto tuas sardas
Cuidado com o sorriso, ele afronta
Que águas profundas tu guardas
Não vês a aurora que desponta

A seta que aponta para o norte
Abre o caminho para fugir
Eu não sei brincar com a sorte
Devíamos tomar cuidado ao infligir

IGNORÂNCIA

Eu enxergo tudo que nos queima
Levando minhas raízes
A vergonha eram as minhas cicatrizes
E hoje eu digo a quem me teima

Esse é o meu mundo e me falta ar
A gente pode brincar com o desconforto
Mas você há de se pôr no seu lugar
Nós sabemos qual o limite do porto

LADRILHOS DE UMA NOITE (DE VERÃO)

Tudo começou como proibido
Assim como um dia foram, as relações iguais aquela
A meia luz do infinito
Com o tempo passeando pela janela

Um espaço pequeno e protegido
Dentro da liberdade do nosso amanhecer
Soltando as amarras daquele desejo contido
Para abrigar o meu alvorecer

Despedidas serão o adeus definitivo?
Eu interrompo a ligação dos meus pensamentos
Recuso meu impulso mais primitivo
Será que podemos almejar novos ventos?

Eu cometeria loucuras, se já não fosse a maior delas
E acalentaria a quimera de uma nova estação
Suspenderia o tempo ao apagar das velas
Reescreveria os sonhos daquela noite (de verão)

PASSAGEIRA

Trago teu corpo sobre o meu
Enquanto o teu quadril acende os meus pensamentos
Não serei para a minha julieta o teu romeu
Se minha memória não fizer parte dos teus sentimentos

Só entende o poder de mãos entrelaçadas
Quem teme, a cada suspiro, por desejar esse momento
Hoje eu finco minhas espadas
Na intenção de negar o meu sentimento

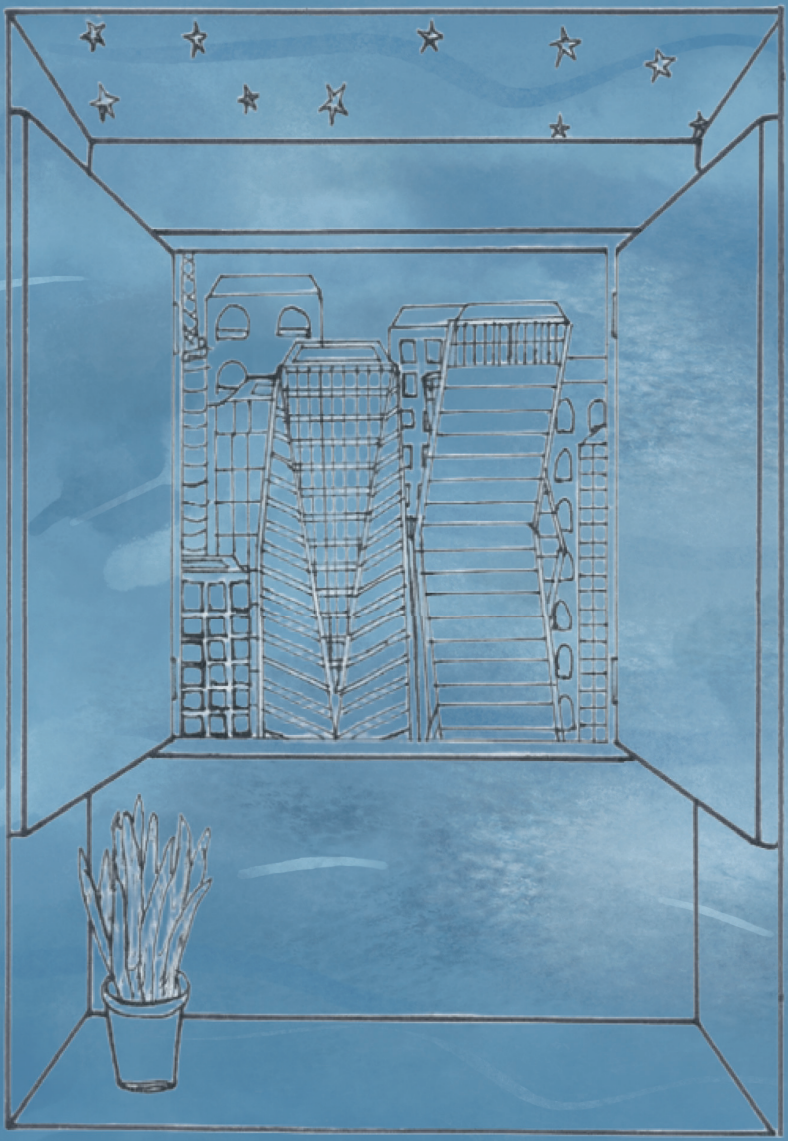
Se o coração não souber a hora de parar
Faça do termômetro a tua mente
Nem sempre o relógio sabe a hora de descansar
Tenho de reportar, a carta já tinha outro remetente

TODOS OS FINS

Não há ódio nos fins
nem medo.
Existe esperança
ansiedade que acorda cedo
bem no começo
em ânsia de não perder o desfecho.

O começo é só o respiro
que antecede o som.
De resto, tudo é término
da melodia que dá o tom.

Acredito porque sei
sendo curto ou longo
o fim é tudo e mais um pouco.
No primeiro verso,
este poema começou a acabar
e você ansiou por quando e como
esse fim iria chegar.



Parte 3
Pele de Vidro

PELE DE VIDRO

Nas construções que se vê na cidade de São Paulo, além de uma imensa selva de concreto, podemos nos deparar com uma selva reluzente, principalmente no bairro da Faria Lima. Essa selva se dá pelo amontoado de prédios revestidos com pele de vidro.

A pele de vidro é um tipo de revestimento para fachadas, onde as placas de alumínio que dão sustentação se tornam opacas, se assemelhando a uma grande parede de vidro reluzente. Quem habita dentro dessas paredes recebe tudo que vem de fora: a luz pode entrar sem ser convidada, a paisagem voa pelos olhos e a vida de todos acontece bem ali, na grande tela de cinema.

Já quem por fora passa, nada vê. Nada além de uma grande placa brilhante, que inibe qualquer relance de vida lá dentro. Ninguém vê a bagunça, como ninguém vê o espírito.

Outrora, fiz minha morada em um lar feito pele de vidro. Ninguém via meu lixo deixado no canto, apodrecendo, espalhando enxofre pela casa. Como, também, ninguém via meu canto de artesanato de pequenas estrelas, nem a parede que pintei com as cores de meus amores.

O que me parece mais estranho é que, às vezes, aquilo que me apresentava para o mundo parecia frágil, mesmo eu estando forte. Da mesma maneira, às vezes

forte, eu estava fraca. E o reflexo do espelho em mim, me causava conflitos. Eu não sabia se precisava soltar ou apertar, ou ainda se os dois poderiam se fazer simultaneamente.

Tirar todo o lustroso alumínio também não era a solução. Sem a pele de vidro para me cobrir, minha vida era aberta para olhares, quereres e desejos. Onde mora a autenticidade? Se com pele de vidro, nada entra, e sem tê-la, tudo afeta, como dosar o "eu"?

Em meio à pele de vidro, fiz uma janela de duas portas em madeira envernizada. Através da janela posso assobiar para fora, colocar minhas plantas para tomar sol e fazer-me presente; posso sentir os ventos de fora em meu rosto, e escolher que ventanias deixar passar. Minha janela é do tamanho exato, nem grande nem pequena, de modo que posso aumentá-la ao abrir as portas ou apequená-la ao quase fechar. Assim, comecei a morada de minha autenticidade: em meio a uma estrutura reluzente, abri portas para os ventos conversarem com meus cabelos.

Nas construções que se vê na cidade de São Paulo, além de uma imensa selva de concreto, podemos nos deparar com uma selva reluzente, principalmente no bairro da Faria Lima. Essa selva se dá pelo amontoado de prédios revestidos com pele de vidro. E, se apertar bem os olhos em meio ao amontoado, lá no fundo, pode-se perceber portas de uma janela aberta, a observar o jardim.

POETA

Poeta ser poeta
que tem que ser?
ter apreço por palavras
saber as rimas decoradas
ter amores e perder amores
é sabedoria que fala?
Que traz mensagem de conforto ou metáfora de vida.
Pra mim Poeta coleciona dores nas costas,
tem ânsia de curar outros
e não pode.
Se ilude, se deixa, se quebra, se destrói
mas se junta
e se aquece
na poesia.
Na esperança de quem lê de olhos brilhosos
e lê e lê e relê
e decora e recita
Vive poesia,
vive dores que latejam em versos de poesia.

CANSAÇO

Tem dias que o meu maior anseio
é virar as noites
escutando os segredos sussurros de meu travesseiro.

- travesseiro: aquele em que todos sempre repousam
para ouvir.

CICATRIZES SILÁBICAS

Me rasguei inteira,
na esperança de me esvair.
Mas da carne de meus braços,
escorreram rios de tinta,
que se encontraram no papel
e escreveram minha vida
em poesia.

UM CHURRASCO DE DOMINGO

I.
Somos todos carne.
Seja no ponto, bem-passado
ou malpassado,
há sempre um esfomeado.

II.
E no caminho, somos todos os três:
na juventude, malpassamos pela vida.
Se sou imaturo, é porque me encontraste antes do ponto.
Mas, confesso,
existe uma delícia em ainda não ter-se passado.

III.
"Ô Churrasqueiro, peço que coloque mais carvão para mim.
Não estou pronta para que esse churrasco chegue ao fim."

A.M.M.

Invejo eu
essa coragem suicida
dos barcos de papel,
em navegar impetuosos
nas tempestades de palavras.

GEORGES LEMAITRE

Com a cabeça de um alfinete
Minha vó costurou o universo.

SEM TÍTULO

Só uma pedra
Faz círculos em onda
Ser tsunami

PERGUNTA

Eu escrevo para me entender
E te escrevo para se reconhecer
Somos janelas de vidro transparentes
Nos guardam, mas tão pouco escondem
Talvez sejamos ausentes
Nossos sentidos não nos respondem
Então recito para desaguar
Mares de sorrisos a enfrentar

A PASSAGEM DO TREM

Eu poderia voar
Se o ar não me tirasse a vida
Se a gente pudesse se afogar
E a água não tirasse os nossos sonhos

Sinto muito amor, mas não pude ser
Eu pude ouvir o trem passar
Mas me esqueci de olhar minha casa
Eu não durmo enquanto não caio em contradição

Andando sobre os trilhos do trem
A vida parecia um sopro
Se o medo não me impedisse
O nosso tempo seria quando

ANÚNCIO

Já era tempo que não se ouvia histórias
Tudo se fazia tão imediato
Não mais liam-se olhares
Só avistávamos atravessando-se janelas

Queremos amores para renascer
Chuva para molhar
Até afogar e desafogar
A anestesia do meu coração

CURA

Me disseram uma vez que o tempo cura tudo
E isso me fez pensar: qual é a cura do próprio tempo?
Do tempo que voa e deixa a saudade.
Do tempo que anda e deixa a angústia.
Do tempo que corre e deixa a impotência.
Do tempo que para e deixa a inquietude.
A cura do tempo é o instante!
O instante que prende e solta.
O instante que corre e para.
O instante que vive de momentos,
Momentos feitos do agora.
O instante que morre de amores pelo tempo.

DESPEDIDA

Algumas despedidas são mais doloridas
E confesso existe história atravessada
Eu te pergunto entre vindas e idas
Quais as dores que te deixaram amordaçada

Se alguém, um dia, tiver o poder de tirar tua paz
Descubra qual a sua criptonita e fuja dela
O poder vem de quem traz
Reticências para construir uma vida bela

A franqueza nem sempre está nos versos
Há um mês do ano em que tudo se torna obscuro
Hoje os meus sentimentos se encontram submersos
Eu te avisava, quem sabe pudesse escrever o meu futuro

Ainda que essa confusão me faça sentir terrena
Não posso lhe dizer que me arrependo
Encapsula a raiva que sinto desde pequena
Me segura a memória de que ainda estou vivendo

MÁSCARAS

Um véu
Me cega
Me faz enxergar
Um novo mundo

Um véu
Me sufoca
Me ensina respirar
Novamente

Um véu
Me esconde
Me permite mostrar
Outros olhos

Um véu
Me rodeia
Me admite olhar
Com pena

ONDE MORA A POESIA

Eu fugi da arte
Até que ela não pode mais fugir de mim
O cheiro da bebida perfumada de alecrim
Me fazia poeta sentada na calçada da Baluarte
Sei que tudo que escrevo
Me faz existência perante a resistência
A minha paixão então se faz contingência
Àquelas poucas dores a que me atrevo
Senti o poder das palavras ao travar as minhas batalhas
Da mesma maneira fiz delas um contrato
Queria transformá-las em autorretrato
Acabei reduzindo-as a navalhas
Observe-me como a um arrepio em sinestesia
Me instiga a disritmia teu olhar mareado
Enfrenta-te o vento ainda que acanhado
E diga-me onde mora a sua poesia

SEPARAÇÃO

Se meu coração está destinado à batalha e à vitória
Traga-me da espada à glória
Enquanto isso peço que faça o favor de se cuidar
O tempo nos dirá se devemos nos reencontrar

Dizem que o que dilacera é a indiferença
As adversidades que dividem a crença
Há quem diga que o que mata é a espera
Talvez floresçamos na próxima primavera

Eu senti o toque desprendido de vaidade
Um abraço mais apertado com gosto de saudade
Como quem se despede sem resposta
Com a ânsia de aportar a âncora da costa

A raposa já me dizia sobre sua pequena princesa
Nem todos os amores merecem fazer-te presa
Seja a rosa o meu grande amor
Permita-me solidar-me a tua dor

SOBRE AQUELA VIAGEM

A luz brilhava naquele lugar,
As pessoas se amavam,
Se olhavam na mesma intensidade.
Da minha calçada eu via um mundo!

Um lugar distante e utópico.
Nos melhores sonhos eu me vi
Rodeada de calor como naquela noite,
Na esquina da rua Vinícius.

Verdades doloridas saíram de nós
Como em um devaneio.
Foram gotas e cores.
Caíram diante dos meus pés.

Enxergar vidas das janelas.
Enlouquecidas imagens da tela.
Desejos reduzidos a medos
Na cidade que não adormece.

(DES)ACONCHEGO

Por que a gente ainda se apoia em estruturas que se partiram?
Às vezes parece que a gente quer ver a nossa casa desabar.
E a custo de que?
De uma memória que foi escrita a tempos atrás,
De um cômodo que já foi nosso refúgio,
Das lembranças que aquele coração provoca toda vez que a gente se encontra em pensamentos.
Se toda pele, se todo corpo é morada de alguém,
Então, como podemos deixar que desfacam o nosso?
Me parece que a gente se esquece de pedir permissão.
Mas assim como tudo na vida, às vezes aquilo que não controlamos nos alveja sem pestanejar.
E mesmo querendo, nem sempre a vontade se constrói como um colete a prova de balas.
Então, ao menos por hoje, eu quero ser a parte mais forte da minha morada.

Complemento: Para quem sabe um dia, não precisar ser a casa de ninguém, apenas o seu lar.

MARIANA OKADA RODRIGUES DE OLIVEIRA
autora



Nasci em São Paulo, tenho 24 anos e sou bacharela no curso de Ciências do Esporte, da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Apesar do esporte ter sido a minha escolha de profissão, a poesia sempre permeou a minha vida. Foi por causa da arte, que eu aprendi a me entender. E, ao devolvê-la ao mundo, eu espero que você também se identifique.

ISADORA FERREIRA BRAUN
autora



Nasci em São Paulo, tenho 21 anos e sou bacharelanda em Letras na Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG). Minha jornada sempre foi permeada pela poesia e, aos 15 anos, comecei a fazer rascunhos de imagens do mundo. Este é meu primeiro livro e uma pequena parte de minha história, pertencida agora por quem a lê. Deguste com sabedoria.

KAIK OKADA RODRIGUES DE OLIVEIRA
ilustrador



Resido na cidade de São Paulo, onde também nasci, tenho 21 anos e sou ator formado pelo técnico do Célia Helena Centro de Artes e Educação. Sempre tive amor pela arte em todos os âmbitos, cujas possibilidades e liberdade criativa me cativavam, então em cada pequena coisa tento trazê-la da forma mais verdadeira e particular.

BEATRIZ DIAS PAZ
ilustradora



Nasci em 1995 na Gafanha da Nazaré, em Portugal. Formei-me em Design de Produto e Tecnologias mas sempre ligada a todo o tipo de artes, o que levou-me a iniciar a ilustração. O meu principal estilo consiste numa junção entre linhas pretas delicadas - inspiradas no desenho técnico - com uma colocação de cor, sombra e luz - inspirada no lado artístico e, quase "rebelde". Neste livro, mergulhamos num estilo aquarela, com traço manual, naif e atmosfera poética.

COPYRIGHT 2026 BY
Isadora Ferreira Braun e Mariana Okada Rodrigues de Oliveira

COORDENAÇÃO
Flaviane Faria Carvalho

AUTORIA
Isadora Ferreira Braun e Mariana Okada Rodrigues de Oliveira

PREPARAÇÃO E REVISÃO DE TEXTOS
Luanna Rodriguez, Monique de Jesus e Flaviane Faria Carvalho

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO
Isadora Ferreira Braun

ILUSTRAÇÃO
Kaik Okada Rodrigues de Oliveira e Beatriz Dias Paz

Livro experimental desenvolvido durante o primeiro semestre de 2026, na disciplina Projeto Editorial, do curso de Letras da Universidade Federal de Alfenas, em parceria com o projeto de extensão Laboratório de Estudos Editoriais (LEE/PROEC/UNIFAL-MG)

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal de Alfenas
Biblioteca Central – Campus Sede

Braun, Isadora Ferreira
B825s À serventia da casa / Isadora Ferreira Braun, Mariana Okada Rodrigues de Oliveira. Coordenadora: Flaviane Faria Carvalho – Alfenas-MG: Edição do autor, 2026.
100 p.: il. --

ISBN: 978-65-02-20421-4 – (Impresso)
Projeto de extensão Laboratório de Estudos Editoriais LEE/PROEC/UNIFAL-MG).

1. Literatura. 2. Poesia. 3. Autoria feminina. I. Oliveira, Mariana Okada Rodrigues de. II. Carvalho, Flaviane Faria, coord. III. Título.
CDD-B869.91

Ficha Catalográfica elaborada por Marlom Cesar da Silva
Bibliotecário-Documentalista CRB6/2735

Este livro foi escrito em poesia, na fonte
Saudagar e impresso em papel Pólen pela
Gráfica Impressões de Minas, em 2026.

